

INTRODUÇÃO

Esta tese apresenta uma parte nuclear – capítulos 1 a 13 –, em que são apresentados, um a um, os textos sermonísticos estabelecidos de Antônio de Sá (Rio de Janeiro, 1627-1678). Os demais capítulos (e itens) são complementares e, por essa razão, têm suas posições definidas em função da parte principal do trabalho.

Três itens – **Introdução**, **Apresentação** e **Cronologia do Padre Antônio de Sá** – precedem a parte principal. Esta **Introdução** é uma breve descrição do arranjo formal da tese. A **Apresentação** versa, de maneira concisa, o percurso deste trabalho, desde o primeiro contato do pesquisador com um texto de Antônio de Sá (*Sermão do Dia de Cinza*) até a edição crítica de sua obra oratória completa em Língua Portuguesa. A **Cronologia** lista e comenta os principais dados biográficos do padre; particularmente, aqueles que contribuem, ainda que lateralmente, para a compreensão da sua obra.

O capítulo 1 – **Edição Crítica** – ostenta três itens: o primeiro – **Tipo de Edição** – apresenta informações básicas, como, por exemplo, conceito de “edição crítica”, seus objetivos e procedimentos; o segundo – **Abreviaturas, Siglas e Símbolos** – informa os significados ou os valores de formas abreviadas, siglas e símbolos adotados pelo editor; e, o terceiro – **Critérios** –, indica as normas adotadas na edição. Esse capítulo prepara a apresentação do texto crítico dos sermões.

Os doze capítulos seguintes – 2 a 13 – apresentam, um a um, os textos estabelecidos e os aparatos críticos e, por isso, têm estruturas idênticas. Cada um desses capítulos traz dois itens: o primeiro, a **Tradição**, que informa os dados gerais do sermão a que se refere, como, por exemplo, número de testemunhos da tradição direta, estema e texto-base da edição crítica; e o segundo, o **Fac-símile** e o **Texto-crítico**, que contemplam a nova edição, isto é, o fac-símile do texto-base, o texto-crítico e o aparato composto, contendo as variantes dos testemunhos colacionados, as citações bíblicas e as notas do editor.

Após a extensa lista de capítulos dedicados à nova edição, vem a parte consagrada aos estudos. Essa parte da tese abriga dez capítulos – 14 a 23 – dedicados, um a um, a estudos de aspectos distintos da obra oratória. Há, também, umas “considerações finais”, em que discorreremos sobre os resultados e possíveis desdobramentos da tese.

Em seguida, o capítulo 14 – **Textos das Edições Príncipes dos Sermões de Antônio de Sá** – apresenta uma série de inferências sobre o grau de elaboração desses textos, com base no percurso histórico dos sermões do Padre Antônio Vieira (1609-1697).

O capítulo 15 – **Autotextos** – analisa um tipo especial de intertextualidade: segmentos textuais de autoria do próprio padre, e semelhantes entre si, presentes em diferentes sermões desse autor.

Já os capítulos 16 a 23 – apesar de aparente autonomia, constituem uma unidade – abarcam uma série de estudos analíticos sobre a obra completa do pregador. Nesses estudos, examinamos, contrastivamente, as estruturas dos textos e observamos dois grandes padrões que ordenam a composição dos discursos – no primeiro, discursos que ostentam ordenação correlativa; no segundo, ordenação não-correlativa. Essa oposição entre ordenação correlativa e não-correlativa, em que apoiamos o andamento dos estudos, é um recurso que empregamos para iluminar, um pouco melhor, as formas possíveis que os discursos podiam assumir.

As **Considerações Finais**, por sua vez, contêm uma síntese dos principais aspectos do trabalho realizado.

Em seguida, vêm as **Referências**, contendo a relação de obras consultadas.

Por fim, seguem-se os **Anexos**. Neles, disponibilizamos o fac-símile da folha de rosto de cada um dos testemunhos da tradição direta do conjunto da obra oratória e – nos casos em que um testemunho da tradição direta de um sermão exhibe pré-textos, antecedendo o texto sermônístico, propriamente dito – oferecemos o fac-símile desse pré-texto e, ainda, sua transcrição, com base nos mesmos critérios que orientaram a edição dos textos sermônísticos. Finalizando os anexos, disponibilizamos o fac-símile e a respectiva transcrição (nossa) do pré-texto dos *Sermões Vários* (edição de 1750).

ESCOLHA DO OBJETO

No 2º semestre de 2002, no curso de graduação em Letras (FALE-UFMG), cursei a disciplina *Literatura Brasileira: a época barroca (século XVII)* ministrada pelo Professor Dr. José Américo Miranda Barros. Nessa disciplina, lemos o *Sermão do Dia de Cinza*, de Antônio de Sá, em uma edição (SÁ, 2001) cujo texto tinha sido preparado, por esse professor, para uso em sala de aula, com base na edição da Estante Clássica da Revista de Língua Portuguesa (SÁ, 1924).

Nessa edição, o professor após ao texto notas explicativas, esclarecendo e comentando vários aspectos literários e linguísticos do sermão e, ainda, registrou e emendou vários erros de edição. Apesar de ele não ter consultado as edições anteriores a 1924 – de 1669, 1673 e 1750 –, a colação dos testemunhos da tradição direta desse sermão demonstrou, posteriormente, que as suas intervenções estavam, em sua maioria, corretas.

Ainda na graduação, a leitura crítica desse belo sermão, conduzida com elegância e perspicácia pelo Professor José Américo Miranda Barros, e os problemas de crítica textual que ele (texto) suscitava (que só poderiam ser resolvidos com exame da tradição direta) levaram-me a solicitar ao professor orientação para a elaborar uma edição fidedigna desse texto, como parte de uma dissertação de mestrado. Naquela época, embora eu não tivesse lido o restante da obra oratória do jesuíta, já me perguntava por que tão importante autor não tinha sido, até então, editado, para que os leitores comuns pudessem apreciá-lo, fora do ambiente acadêmico.

Concluída a graduação (em 2003), iniciamos, imediatamente, o trabalho de edição do *Sermão do Dia de Cinza*. Em 09 de junho de 2006, sob orientação desse professor, defendi a dissertação intitulada “*Sermão do Dia de Cinza*”, do padre Antônio de Sá: edição e estudo crítico.¹ Os resultados dessa pesquisa e a possibilidade de continuar a trabalhar com o mesmo orientador me animaram a dar prosseguimento à pesquisa; então, ousei uma tarefa ainda maior – preparar, enfim, uma edição crítica da obra oratória completa, em Língua Portuguesa, de Antônio de Sá.

Em 2007, iniciei o doutorado em Literatura Brasileira - Estudos Literários (FALE-UFMG), com esse objetivo. Logo no início dos trabalhos, percebi que a preparação de uma edição crítica apresenta questões e desafios que só podem ser enfrentados com o auxílio de

¹ SANTOS, Gilson José dos. “*Sermão do Dia de Cinza*”, do padre Antônio de Sá: edição e estudo crítico. 2006. 155 f. Dissertação (Mestrado em Literatura Brasileira – Estudos Literários) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2006.

um filólogo. Sugeri, então, ao meu orientador, que solicitássemos ao Colegiado do Programa de Pós-Graduação em Letras: Estudos Literários (FALE-UFMG) autorização para convidar o Prof. Dr. César Nardelli Cambraia para me auxiliar, na condição de co-orientador. Na fase mais difícil deste trabalho – na elaboração dos critérios de edição –, as observações e críticas valiosas do Professor Nardelli foram decisivas e me ajudaram a tomar várias decisões importantes.

Naquela disciplina – *Literatura Brasileira: a época barroca (século XVII)* –, o Professor Dr. José Américo Miranda Barros nos fez entender que, por falta de edições, autores representativos do período colonial não eram integralmente lidos e, conseqüentemente, não ocupavam o lugar que mereciam na tradição literária brasileira. E, com sua leitura do *Sermão do Dia de Cinza*, demonstrou que nem mesmo a qualidade da prosa e a elegância do estilo de Antônio de Sá impediram que sua obra fosse esquecida. Esta tese, portanto, é uma humilde homenagem ao seu trabalho como professor e pesquisador e dá continuidade ao processo (que ele iniciou) de retomada e divulgação, na atualidade, da obra oratória de Antônio de Sá.

CRONOLOGIA DA VIDA DO PADRE ANTÔNIO DE SÁ

Pouco sabemos a respeito da vida do padre Antônio de Sá. As notícias mais seguras são fornecidas por Diogo Barbosa Machado, na *Biblioteca Lusitana*,² e por Serafim Leite, na *História da Companhia de Jesus no Brasil*.³ Diogo Barbosa Machado, salvo engano, é o primeiro autor a se pronunciar sobre a biobibliografia de Antônio de Sá, e a sua obra tornou-se a fonte obrigatória que consultaram todos os que, posteriormente, se ocuparam do autor. Serafim Leite parece retomar e complementar a síntese biobibliográfica composta por Barbosa Machado, acrescentando datas aos fatos biográficos e preenchendo as lacunas entre um acontecimento e outro, com informações pontuais.

Na ‘introdução’ aos *Sermões Vários* (SÁ, 1750), há um “Elogio” ao padre que é, na verdade, a reprodução integral da síntese biográfica composta por Diogo Barbosa Machado para o primeiro tomo da *Biblioteca Lusitana*.

Todos os bibliógrafos⁴ concordam quanto ao local e à data de falecimento de Antônio de Sá: Rio de Janeiro, 1º de janeiro de 1678. Eles concordam, também, que ele nasceu nessa mesma cidade; a data de nascimento, porém, aguarda confirmação definitiva. A partir do que se depreende de informações de Diogo Barbosa Machado, a data de nascimento seria 26 de julho de 1617⁵, como veremos:

Padre Antonio de Sá nasceo na Cidade de S. Sebastiaõ do Rio de Janeiro a 26. de Julho de 1627. e na Cidade da Bahia Cabeça da America Portuguesa sendo de tenra idade se alistou na Companhia de Jesus em o anno de 1639. [...] espirou ao I. de Janeiro de 1678. com 60. annos de idade, e 39. de Religiaõ.⁶

Se tomarmos a data de falecimento do pregador (1678) como referência e considerarmos outras informações que Machado forneceu – idade do orador, quando faleceu (sessenta anos), número de anos dedicados à religião (trinta e nove) e ano em que se alistou na Companhia de Jesus (1639) – chegaremos à possível data de nascimento do padre: 1617. Com essa data de nascimento, as informações de Machado se ajustam perfeitamente.

² MACHADO, 1930. 1/4v. p.372-374. (O primeiro volume é de 1741; os três volumes restantes, de 1747, 1752 e 1759, respectivamente.)

³ LEITE, 1950. 10v.

⁴ Cf. BLAKE, 1883, t. I, p. 305-306; LEITE, 1950, t. IX, p.106-107, MACHADO, 1930, t. I, p. 372-374;

SILVA, 1963, p. 262-263.

⁵ A data de nascimento de Antônio de Sá, indicada na *Biblioteca Lusitana* e no “Elogio do Padre Antônio de Sá”, é 1627; mas outras informações fornecidas no próprio texto da *Biblioteca Lusitana* sugerem tratar-se de um erro de edição. Se se confirmar o erro, o segundo número “1”, em 1617, deve ter sido grafado “2”, resultando na data incorreta, 1627.

⁶ SÁ, 1750, p.10-12. (O “Elogio do Padre Antônio de Sá” pode ser lido em ANEXO A – INTRODUÇÃO AOS *SERMÕES VÁRIOS* (1750), pp.1091-1095.)

Desconhecer a data de nascimento de escritores nascidos na América Portuguesa era comum, porque não havia registros sistemáticos e confiáveis de nascimentos. A data de falecimento de escritores religiosos, porém, era mais precisa, porque havia registros seguros de falecimentos nas ordens religiosas; além disso, quando o orador conquistava reconhecimento público em vida, como no caso de Antônio de Sá, seu falecimento tornava-se um acontecimento digno de nota.

Segundo Barbosa Machado, Antônio de Sá teria se dedicado não só à oratória, mas também à poesia, e parece que, ainda na juventude, seu talento, nos dois gêneros, já era reconhecido por professores e colegas, conforme demonstra este trecho do mesmo Barbosa Machado:

A viveza do juizo competindo com a tenacidade da memoria felizmente conspiraraõ, para que ou cultivando as Musas amenas, ou severas, fosse julgado pelos Mestres, e condiscipulos por milagre dos engenhos.⁷

Desconhecemos qualquer registro referente à poesia escrita por Antônio de Sá. As razões para isso são as mesmas que explicam nosso desconhecimento a respeito de grande parte da produção poética da América Portuguesa. A poesia escrita, no seiscentos, circulava em folhas avulsas e manuscritas e, frequentes vezes, sem indicação de autoria; conseqüentemente, a maioria dos textos que sobreviveram ao tempo e às traças e se encontram esquecidos em arquivos de obras raras de bibliotecas brasileiras ou estrangeiras não trazem indicação de autoria, ou têm atribuição de autoria duvidosa. Acresça-se que a escrita de poesia era um exercício comum na formação cultural dos estudantes da Companhia de Jesus. Todos eles a praticavam, em algum momento de sua vida acadêmica; mas, ainda que alguns deles revelassem, já nessa fase da vida, talento e aptidão que despertassem a atenção de mestres e colegas, as várias e duras obrigações que a vida religiosa lhes impunha os impediam de exercitar, ao longo da vida adulta, a vocação poética manifestada na juventude. Por essas razões, a poesia de Antônio de Sá, se escapou ao tempo e às vicissitudes, está adormecida em algum arquivo, junto a outras obras igualmente ignoradas.

Barbosa Machado, ainda, é quem formula as primeiras considerações relativas à linguagem e aos recursos expressivos dos textos desse orador e à sua maneira de pregar, nestes termos:

O ornato das palavras mais filho da natureza, que da arte, a viveza das acçoens reguladas pela vehemencia do espirito, a expressaõ da voz clara, e sonora, a delicadeza dos discursos sempre solida, a profundidade dos textos nunca

⁷ SÁ, 1750, p.10-12.

imperceptível, e a novidade das ideias inimitável conciliaraõ taes applausos ao seu sublime engenho, que chegou a brilhar com toda a intensão na presença do primeiro Astro da esfera concionatoria o grande Vieira, que muitas vezes affirmou não ser sensível a sua ausencia, quando tinha por substituto a Antonio de Sá.⁸

A qualidade retórico-literária dos discursos de Antônio de Sá e sua imagem de pregador evangélico modelar renderam-lhe muitos aplausos, na mesma época em que brilhava, também, nos púlpitos, seu amigo e companheiro de ordem religiosa, Antônio Vieira. Nessa circunstância talvez esteja a origem de um costume perverso que, posteriormente, os autores que dedicaram trabalhos à Literatura Brasileira da fase colonial adquiriram: compará-lo a Antônio Vieira.

Sílvio Romero,⁹ por exemplo, disse que em torno da personalidade de Vieira e sobre o exemplo de seu estilo teria surgido, na Bahia, uma “escola bahiana”. Na América Portuguesa, de fato, o sermão afirmou-se como gênero literário somente em meados do século XVII, com a célebre tríade formada pelos padres Antônio Vieira, Antônio de Sá e Eusébio de Matos. Essa referência a uma “escola”, no entanto, parece-nos incorreta e prejudicial ao entendimento da obra desses precursores da literatura brasileira. Incorreta, porque a unidade que se lhes observa não se deve, unicamente, ao exemplo de uma figura definida, mas ao compartilhamento de aspectos comuns: o mesmo código retórico, as mesmas fontes e a mesma formação doutrinária, com seus exercícios espirituais. E prejudicial, porque desestimulou a edição e o estudo de escritores considerados menores, “imitadores”.

A crítica literária oitocentista, da qual Sílvio Romero foi, talvez, o maior expoente, teria sido influenciada por um espírito romântico, que “tenderia para um apelo decidido ao ponto de vista pessoal do crítico”¹⁰. Por um lado, esse “ponto de vista” selecionou os escritores que seriam editados, estudados e, conseqüentemente, integrados à imagem da inteligência nacional. Por outro lado, aqueles que não interessaram à crítica foram (e são) apenas citados na História Literária, a fim de compor certa sistematização histórica do nosso passado literário. Dessa forma, essa crítica privou a Literatura Brasileira de textos de alta qualidade estética que, por serem classificados, em seu conjunto, como “literatura menor”, não foram, ainda, editados.

Serafim Leite (como dissemos) parece retomar e complementar a biobibliografia de Antônio de Sá, elaborada por Diogo Barbosa Machado. Sem contestar as informações apresentadas por Machado, ele data uma série de eventos que nos permitem estabelecer (ainda

⁸ SÁ, 1750, p.10-12.

⁹ ROMERO, 1953, p. 405-428.

¹⁰ CANDIDO, 2000, p. 310.

que provisoriamente, enquanto novas informações não sejam apresentadas) uma cronologia da vida e da obra do pregador jesuíta.

Serafim Leite segue a data de nascimento encontrada na *Biblioteca Lusitana* – 16 de julho de 1627 –, mas omite outras informações encontradas lá – idade do orador, quando faleceu (sessenta anos), número de anos dedicados à religião (trinta e nove) e ano em que se alistou na Companhia de Jesus (1639):

[Antônio de Sá] Nasceu a 26 de Julho de 1627 na Cidade do Rio de Janeiro, e nesta mesma cidade entrou na Companhia, com quase 14 anos de idade, no dia 12 de Junho de 1641. Já tinha dois anos de latim e sabia a língua brasílica. [...] Faleceu no Rio de Janeiro a 1 de Janeiro de 1678.¹¹

A fonte precisa dessas informações não é indicada; se se confirmar a origem dessa informação em uma fonte documental, resolve-se a questão e essa data fica estabelecida, mas é possível que Serafim Leite tenha sido influenciado pela expressão “tenra idade”¹², que Barbosa Machado empregou ao se referir à idade em que Antônio de Sá se alistou na Companhia de Jesus. Considerando que Antônio de Sá tenha ingressado na Companhia em 1639, a expressão “tenra idade” reforçaria, de fato, o ano de nascimento indicada por Barbosa Machado e Serafim Leite: 1627. O ano (1639), porém, pode se referir à data em que o orador tomou a decisão de “alistar-se” (como diz Barbosa Machado) na Companhia, o que não impede que ele já fizesse parte do corpo discente da Companhia, antes dessa data.

No Rio de Janeiro, no dia 12 de junho de 1641, Antônio de Sá ingressa, formalmente, na Companhia de Jesus. Já estudava Latim há dois anos e conhecia a Língua Geral, falada na América Portuguesa¹³. Serafim Leite não diz onde ele fez esses estudos iniciais, mas é provável que os tenha realizado no colégio da Companhia. Barbosa Machado, quando afirma que Antônio de Sá se alistou na Companhia em 1639, talvez tenha contabilizado esses dois anos em que ele estudou Latim. Quanto à Língua Geral, ele podia tê-la aprendido em outro local; talvez, em sua própria casa. As famílias socialmente mais graduadas tinham escravos indígenas em casa e se comunicavam com eles nessa língua.

No Colégio dos Jesuítas, ainda no Rio de Janeiro, concluiu seus estudos e obteve o grau de Mestre em Artes. E, já irmão, na ordem dos jesuítas, ensinou aos alunos as primeiras letras, por um ano, e, Humanidades, por dois.¹⁴

¹¹ LEITE, 1969, t.IX, p.106-107.

¹² Cf. SÁ, 1750, p.10.

¹³ Cf. LEITE, 1969, t.IX, p.106.

¹⁴ Cf. LEITE, 1969, t.IX, p.106.

Entre 1657, já padre, exerceu a função de ministro do Colégio da Bahia e de pregador. Nesse ano, deve ter feito o primeiro ano de provação e, no seguinte (1658), o segundo ano, porque, em 1659, fez o terceiro ano de provação e, a 1^o de janeiro de 1660, fez sua profissão solene e atuou como Prefeito de Estudos e Professor de Teologia Especulativa.¹⁵

Em 1661, viajou a Roma, acompanhando Simão de Vasconcelos, com a função de “escrever as cartas para a Província do Brasil”. Serafim Leite cita duas cartas escritas pelo padre e endereçadas ao Geral da Companhia, nas quais, entre outros assuntos, pedia que o deixassem voltar à América Portuguesa.¹⁶

Entre 1662 e 1665, encontrava-se em Portugal e pregava, com grande êxito, na Capela Real, em Lisboa. Em novembro de 1662, residia no Colégio do Porto, com o Padre Antônio Vieira, cujos passos queria seguir nas missões do Maranhão e do Pará.¹⁷

Em 1665, foi publicado, em Coimbra, o *Sermão Pregado no Dia em que Sua Majestade Faz Anos em 21 de agosto de 1663*¹⁸. Serafim Leite observa que Antônio de Sá “pregou esse sermão em Lisboa na sua volta de Roma”¹⁹; no entanto, não comenta esta notícia, dada por Manuel da Conceição, no “Prólogo ao leitor” dos *Sermões Vários*, de Antônio de Sá, de que a matéria desse discurso teria desagradado a alguns membros da corte portuguesa:

Quando o Padre Antonio de Sá se achava no mais elevado grão da estimação, e muito mais do seu merecimento foy convidado para prégár na Capella Real, no Agosto de 1663. os annos delRey D. Affonso VI. Costumaõ ser politicos aquellos Sermoens, e a occasiaõ, e o lugar lhe lembrou hum texto, que parecendo inventado para prova do seu pensamento, foy mal ouvido, e peyor aceito por alguns Cortezoens, que taõ feamente o representaraõ a ElRey, que se lhe ordenou que sahisse da Corte: naõ se perturbou com esta noticia o grande coração do Padre Antonio de Sá, porque dos homens daquella esfêra todo o mundo he patria, ainda que tinha desasete sermoens encommendados: mandou logo saber se havia navio, que estivesse de partida para alguma das Conquistas, mas avisaraõno, que no Porto estava hum tomando carga para a Bahia. Deixou o Collegio de Santo Antaõ, aonde vivia, deixou Lisboa, fez jornada para o Porto, e desta Cidade para o Brasil, aonde tornou a ler no Collegio da Bahia letras humanas, e dous annos Theologia, até que desprezando todos os applausos, que se lhe deviaõ tanto pela Cadeira, como pelo Pulpito, se dedicou á conversaõ dos barbaros habitadores dos certoens do Rio de Janeiro sua patria, em que o trabalho, e a debilidade da natureza o trasladaraõ felizmente para a eternidade, que merecia pelas suas virtudes.²⁰

¹⁵ Cf. LEITE, 1969, t.IX, p.106.

¹⁶ Cf. LEITE, 1969, t.IX, p.106, 110-111.

¹⁷ Cf. LEITE, 1969, t.IX, p.107.

¹⁸ A bibliografia do padre deve ser lida em Rubens Borba de Moraes (*Bibliografia Brasileira do Período Colonial*, 1969, p. 312-315.)

¹⁹ LEITE, 1950, t.IX, p.108.

²⁰ SÁ, 1750, p.8-9.

Segundo Manuel da Conceição, o rei D. Afonso VI, influenciado por membros da realeza, ordenou ao padre Antônio de Sá que saísse da corte e, tendo ele retornado à América Portuguesa, não voltaria a Portugal.

Serafim Leite, porém, apresenta uma versão diferente (mais nobre) para a saída do orador da corte portuguesa. Segundo ele, Antônio de Sá, voltando de Roma (em 1662), residiu no Colégio do Porto com “seu amigo e mestre”, Antônio Vieira – que tinha retornado a Portugal em 1661, após ter sido expulso do Maranhão –, cujos passos pretendia seguir em missões no Maranhão e no Pará. Já tinha obtido licença para ir, mas as agitações no Maranhão, que tinham determinado a partida de Vieira, fizeram com que seus superiores, na Bahia, ordenassem que ele retornasse à sua província. Enquanto essas questões se desenrolavam, ele pregou, com grande aceitação, na Capela Real, e suas pregações tiveram grande aceitação, de modo que se temia que membros da corte obtivessem do rei um decreto para o manter em Portugal:

Pregara porém na Corte e na Capela Real com grande aceitação, e temia-se que os fidalgos alcançassem de El-Rei um decreto retendo-o em Portugal. Efectivamente em outubro de 1663, depois da partida dos navios, ainda estava em Lisboa por ordem de El-Rei. Ao voltar ao Brasil, como tinha pretendido as missões do Maranhão, nomearam-no Superior da de Camamu, onde estava em 1666 [...] ²¹

Segundo Serafim Leite, tal receio teria se confirmado, porque, em outubro de 1663, ele ainda estava em Portugal, por ordem do rei; e deve ter aí permanecido até o fim de 1665²². Essa versão dos fatos é oposta à apresentada, por Manuel da Conceição, no “Prólogo ao leitor” (*Sermões Vários*). Serafim Leite, também jesuíta, talvez tenha reinterpretado a versão de Manuel da Conceição, a fim de valorizar a imagem do orador e, conseqüentemente, da ordem religiosa.

Em 1666, encontrava-se na América Portuguesa e, como tinha pretendido ocupar-se em missões no Maranhão e as circunstâncias não lhe permitiram, nomearam-no Superior do aldeamento de Camamu.²³

O aldeamento de Camamu era muito importante para os jesuítas da Bahia. Doado por Mem de Sá ao Colégio da Bahia, em 1563, no início do século XVII achava-se ocupado por índios aimorés, inimigos dos jesuítas. Estabelecidas as pazes, o padre Fernão Cardim procurou utilizar suas terras – muito produtivas e abundantes em madeiras e águas – e promover seu povoamento. Já em 1604, iniciaram a construção de um engenho que existia até

²¹ LEITE, 1969, t.IX, p.107.

²² Cf. LEITE, 1969, t.IX, p.107.

²³ Cf. LEITE, 1969, t.IX, p.107.

1640, quando os holandeses o queimaram e, após sua expulsão, não se o reconstruiu, por medo de nova invasão. A finalidade desse engenho era obter fundos para as obras do Colégio e da nova Igreja da Bahia, que se projetava. A sua localização, próximo à Bahia (hoje, Salvador), fez com que se associasse à própria vida da Bahia, prestando-lhe vários serviços de que era capaz.²⁴

Embora no Camamu, Antônio de Sá pregava na Bahia, em ocasiões solenes, aumentando seu prestígio como orador evangélico. Em 1669, teria recebido uma ordem do rei, D. Pedro II, para ir a Portugal ocupar, na corte, o cargo de Pregador de Sua Majestade. A nomeação, porém, não lhe agradou, nem a seus superiores, e, em vez de acatar essa determinação real, preferiu dedicar-se, nesse mesmo ano, à catequização indígena, no aldeamento da Jacobina, no sertão baiano.²⁵

Em 1671, estava no Rio de Janeiro e era Prefeito de Estudos no Colégio dos Jesuítas.²⁶

Do período compreendido entre 1671 e 1674, não há registros. Serafim Leite sugere que estivesse em Portugal, porque um de seus sermões – o *Sermão na Primeira Sexta-Feira da Quaresma* – registra que foi pregado na Freguesia de São Julião, em 1674. Se se tratar da igreja desse nome, em Lisboa, infere-se que tenha acedido à vontade do rei, D. Pedro II, e retornado a Portugal.²⁷ As evidências, porém, sugerem que Antônio de Sá não retornou a Portugal, após sua última estada conhecida (1662-1665). Na dedicatória da edição príncipe do *Sermão do Glorioso São José* (Coimbra, 1675), seu impressor, José Ferreira, sugere que Antônio de Sá esteve em Portugal uma única vez:

[...] este Sermão, que pregou o R. P. M. Antonio de Sà da Companhia de IESV, em louvor do glorioso esposo da Mãe de Deos S. Ioseph, que venturosamente me chegou às mãos; e pera que eu melhor lhe pudesse assegurar em todos as estimaçoens que o papel merece, já pello abonado de seu Autor tão conhecido por outros, que estampou, e applaudido nos muitos que lhe ouuirão, principalmente na Corte de Lisboa, aonde he seu nome, ainda hoje saudosamente respeitado, com enuejas ao Brasil, que tendolhe dado já este grande talento, lho tornou a tomar.²⁸

José Ferreira afirma que o nome do pregador é “ainda hoje saudosamente respeitado, com enuejas ao Brasil, que tendolhe dado já este grande talento, lho tornou a tomar”. Considerando-se que a data dessa edição é 1675, infere-se que o orador estava

²⁴ Cf. LEITE, 1969, t.V, p.199-203.

²⁵ Cf. LEITE, 1969, t.IX, p.107.

²⁶ Cf. LEITE, 1969, t.IX, p.107.

²⁷ Cf. LEITE, 1969, t.IX, p.107.

²⁸ SÁ, Antônio de. *Sermão do Glorioso São José*. Coimbra: Oficina de José Ferreira, 1675, p.3.

ausente de Portugal já havia muito tempo, o que reforça a hipótese de que ele não tenha retornado a Portugal após 1662-1665.

Em fins de 1674, ou início do ano seguinte, Antônio de Sá estava, certamente, na América Portuguesa, onde foi Vice-Reitor no Colégio da Capitania do Espírito Santo, no triênio 1675-1677. Em 1677, ao concluir o triênio, adoeceu gravemente. Comunicou-se, então, com o Padre Geral, dando-lhe notícia de sua enfermidade, revelando que não tinha aptidão para exercer cargos administrativos e admitindo seu desejo de retomar sua vocação natural, a pregação. Informações da época a seu respeito, coletadas por Serafim Leite, confirmam-lhe os anseios e as aptidões:

[...] se escapar da enfermidade, se não deve ocupar em governos, a que se não presta o seu temperamento; mas, com o belo talento de pregar, de que é dotado, se nisto se ocupar o resto da vida, fará grande fruto na Igreja de Deus.²⁹

e ainda:

Confirmação das informações, que dele se davam em 1660, que não se referem a dotes de governo, e só de modo extraordinário, ao seu talento para as Belas Letras e Oratória; 'Ingenio optime, judicio et prudentia bona, profecit optime in lingua latina, Philosophia et Theologia; habet talentum ad studia, et ad concionandum optimum. Cholericus'.³⁰

Essas notícias revelam o talento e a vocação retórico-literária do orador, que, infelizmente, não pôde retomar a pregação. Gravemente doente, transferiu-se para o Rio de Janeiro, onde faleceu no dia 1^o de janeiro 1678.³¹

²⁹ LEITE, 1969, t.IX, p.107.

³⁰ LEITE, 1969, t.IX, p.106-107.

³¹ Cf. LEITE, 1969, t.IX, p.107.

1 EDIÇÃO CRÍTICA

Neste capítulo, discorreremos sobre o tipo de edição adotado na tese, listamos as abreviaturas, siglas e símbolos, indicando os significados ou os valores que exibem na tese e, por fim, indicamos os critérios adotados na edição dos textos.

1.1 Tipo de edição

1.1.1 Edição crítica: definição.

Há vários tipos de edição³² – fac-similar, diplomática, interpretativa, crítica, etc. – que o editor pode escolher, para reproduzir um texto. No caso de reprodução de obras modernas; isto é, escritas depois do século XVI:

[...] é costume procurar-se uma distinção entre aquelas que devam ser editadas com fins extralingüísticos daquelas que o devam com fins lingüísticos – compreendendo-se neste conceito (o que oponencialmente esclarece aquê) as obras que, ademais de sua mensagem conceitual e significativa, estética ou estritamente cognitiva, são editadas com rigor tal, que seus elementos constitutivos possam servir de fundamentação, exemplificação, abonação e sustentação de fatos lingüísticos e de hipóteses, teorias e doutrinas filológicas.³³

Depreende, dessa citação, que as edições de textos modernos podem ser divididas em duas categorias: a primeira refere-se a edições com fins extralingüísticos, isto é, aquelas que apresentam um texto idôneo, não propriamente crítico, que facilitam a leitura e, naturalmente, o acesso de um público não-especializado ao conteúdo da obra; a segunda categoria refere-se a edições com fins lingüísticos, isto é, aquelas em que os elementos do texto crítico podem ser tomados para abonação de fatos lingüísticos.

Apenas a segunda categoria nos interessa, porque nela se encontra a edição crítica, que se caracteriza pelo confronto de testemunhos da tradição direta, com o objetivo de estabelecer a vontade última do autor³⁴, e pelo rigor no processo de estabelecimento do texto crítico, de modo que seus elementos constitutivos possam servir de abonação e de sustentação para hipóteses ou fatos lingüísticos³⁵.

1.1.2 Objetivos

O objetivo principal de uma edição crítica consiste em restituir um texto, tanto quanto possível, à sua forma genuína. Editar, criticamente, um texto, portanto, é apresentá-lo ao leitor livre de impurezas.

³² Cf. CAMBRAIA, 2005, p.90-107.

³³ HOUAISS, 1983, v.1, cap.6, p.273.

³⁴ Cf. CAMBRAIA, 2005, p.104.

³⁵ Cf. HOUAISS, 1983, cap. 6, v.1, p.273.

1.1.3 Plano de trabalho da edição crítica dos sermões

A edição crítica dos *Sermões*, do padre Antônio de Sá (Rio de Janeiro, 1627-1678), inicia a recuperação dos textos do pregador jesuíta, que jaziam esquecidos em seções de obras raras de bibliotecas brasileiras e estrangeiras. No processo de transmissão histórica dos textos, há somente duas coletâneas: a edição de 1750, que reúne a obra completa – dezessete sermões, sendo dezesseis em Língua Portuguesa e um em Língua Latina (não o editamos) –; e a de 1924, que contém cinco sermões. Nenhuma delas logrou reedição. Assim, depois de 1750, o campo bibliográfico do conjunto dessa obra está limpo³⁶ e, por isso, o crítico textual deve reproduzir o texto-base de maneira que a linguagem do modelo seja preservada nos mais variados níveis: semântico, lexical, morfológico, sintático, etc.

Esta edição pretende ser a matriz de outros tipos de edição, que representariam um passo a mais no processo de retomada e divulgação do texto. Por essa razão, adotamos alguns procedimentos que, a rigor, seriam dispensáveis numa edição crítica, como, por exemplo, apor notas ao texto-crítico, para indicar formas do pretérito mais-que-perfeito do indicativo com valor de futuro do pretérito do indicativo ou de imperfeito do subjuntivo. Tal procedimento visa a facilitar, no futuro, a elaboração de novas edições, que aproveitariam, eventualmente, algumas dessas notas.

Na edição em curso, procuramos seguir os procedimentos recomendados pela metodologia tradicional³⁷. A seguir, descrevemos, sucintamente, as etapas de nosso trabalho.

1.1.3.1 Recensão

Na primeira etapa (recensão) do trabalho, seguimos os seguintes passos: primeiro, consultamos a bibliografia especializada³⁸ e sistematizamos as informações referentes à

³⁶ “Campo bibliográfico”: conjunto formado pelos tipos de edição existentes de um texto. O campo bibliográfico ideal de um texto é aquele em que há, no mercado, tipos diversos de edições, adequadas a categorias distintas de leitores. (Cf. CASTRO; RAMOS, 1986, p.112 *apud* CAMBRAIA, 2005. p.90-91.)

³⁷ A metodologia aplicada para o estabelecimento crítico dos textos de Antônio de Sá (1627-1678) resulta de dois tipos de estudos. Primeiro, exame dos pressupostos teóricos em obras de referência, como, por exemplo: AZEVEDO FILHO, 1987; BLECUA, 1990; CAMBRAIA, 2005; HOUAISS, 1983; SPAGGIARI & PERUGI, 2004; e SPINA, 1994. Segundo, estudo de metodologias de estabelecimento de texto em três edições críticas das seguintes obras literárias brasileiras: 1. *Prosopopéia*, de Bento de Teixeira, texto estabelecido por Celso Cunha e Carlos Duval; 2. Edição crítica da obra poética de Gregório de Matos – edição dos sonetos, texto estabelecido por Francisco Topa; 3. *O Uruguay*, de Basílio da Gama, texto estabelecido por Ivan Teixeira. A análise comparada das metodologias deve, possivelmente, auxiliar-nos a elaborar uma metodologia adequada ao estabelecimento crítico dos textos do padre Antônio de Sá (1627-1678). Muitas outras obras afins foram consultadas, mas seria impossível listá-las nesta nota informativa. Estão, naturalmente, na seção **Referências**, desta tese.

³⁸ Cf. BLAKE, 1883; GAMA, 1921; LEITE, 1950; MACHADO, 1930; MORAES, 1969; SILVA, 1858, entre outros.

tradição direta de cada um dos textos. Essas informações foram apresentadas no item **Tradição direta**, que antecede cada texto crítico.

A tradição direta dos discursos aqui editados apresenta um total de quarenta e oito testemunhos: dezesseis deles forneceram textos-base para a edição crítica e, os trinta e dois restantes, variantes para o aparato. Esse é o volume de testemunhos com o qual trabalhamos nesta tese. A tradição direta está representada no **Quadro 1**:

QUADRO 1 – Tradição direta

SIGLA	SERMÃO	ANO DA EDIÇÃO	QUANT.
SDC	<i>Sermão do Dia de Cinza</i> ³⁹	1669 (x2); 1673; 1750 e 1924	5
SPS	<i>Sermão na Primeira Sexta-Feira da Quaresma</i>	1674; S.D. e 1750	3
SQD	<i>Sermão da Quarta Domingo da Quaresma</i>	1675; 1716 e 1750	3
SP	<i>Sermão dos Passos</i>	1675; 1689; 1750 e 1924	4
SCM	<i>Sermão da Conceição da Virgem Maria Nossa Senhora</i> ⁴⁰	1675; 1675; 1750 e 1924	4
SNS	<i>Sermão de Nossa Senhora das Maravilhas</i>	1732; 1744 e 1750	3
SSJ	<i>Sermão do Glorioso São José Esposo da Mãe de Deus</i>	1675; 1692; 1750 e 1924	4
SST	<i>Sermão do Dia do Apóstolo São Tomé</i>	1674; 1686 e 1750	3
SMA	<i>Sermão Pregado no Dia que Sua Majestade Faz Anos</i>	1665 e 1750	2
SPJ	<i>Sermão Pregado à Justiça na Santa Sé da Bahia</i>	1658; 1672; 1686; 1750 e 1924	5
OF	<i>Oração Fúnebre nas Exéquias da Sereníssima Rainha de Portugal, D. Luíza Francisca de Gusmão.</i>	1735 e 1750	2
STQ-I	<i>Sermão das Tardes das Domingas da Quaresma I</i>	1680 e 1750	2
STQ-II	<i>Sermão das Tardes das Domingas da Quaresma II</i>	1680 e 1750	2
STQ-III	<i>Sermão das Tardes das Domingas da Quaresma III</i>	1680 e 1750	2
STQ-IV	<i>Sermão das Tardes das Domingas da Quaresma IV</i>	1680 e 1750	2
STQ-V	<i>Sermão das Tardes das Domingas da Quaresma V</i>	1680 e 1750	2
TOTAL DE TESTEMUNHOS			48

No passo seguinte, recolhemos cópias de um exemplar de cada uma das edições listadas acima. Nas bibliotecas pesquisadas no Brasil, não há exemplares de algumas dessas edições; em bibliotecas de Portugal, porém, há exemplares de todas elas. Quando não encontramos exemplar de uma edição em bibliotecas brasileiras, solicitamos cópia de exemplar pertencente a bibliotecas portuguesas.

Quando iniciamos a recolha dos testemunhos, já possuíamos cópia de um exemplar do volume *Sermões Vários* (Lisboa, 1750), bem como de exemplares da tradição direta do *Sermão do Dia de Cinza*⁴¹. Essas cópias foram obtidas na ocasião em que editamos e

³⁹ Há somente uma edição em 1669, mas, por ela apresentar dois estados, que foram colacionados, contabilizamos como se fossem duas, na recensão.

⁴⁰ Há duas edições distintas em 1675, referidas como uma pelos bibliógrafos. A existência de uma segunda edição foi indicada, pela primeira vez, por nós na seção **Tradição**, referente ao *Sermão da Conceição da Virgem Maria, Nossa Senhora*.

⁴¹ As cópias de um exemplar dos *Sermões Vários* e de exemplares da tradição direta do *Sermão do Dia de Cinza*, que adquirimos da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro (BNRJ), foi feita em microfilme, que digitalizamos, com nossos próprios recursos, em uma empresa especializada em digitalização de microfilmes. A reprodução de sermões que solicitamos à Biblioteca Nacional de Lisboa (BNL) foi realizada, originalmente, em papel;

estudamos o *Sermão do Dia de Cinza*⁴². Então, enquanto aguardávamos a chegada das cópias solicitadas, transcrevemos os textos dos *Sermões Vários*, para agilizar o trabalho posterior de colação dos textos. Assim, quando finalizamos a recolha da tradição direta dos dezesseis sermões, já tínhamos uma primeira versão de seus textos transcritos e podíamos, então, iniciar a colação. Por essa razão, de ordem meramente prática, os textos da edição de 1750 foram tomados, inicialmente, como exemplares de colação⁴³.

De posse de cópias da tradição direta dos sermões, passamos à etapa seguinte da edição: a colação. Nessa etapa, confrontamos entre si, palavra a palavra, os testemunhos da tradição direta⁴⁴ de um mesmo sermão, a fim de identificar os lugares críticos que nos facultaram estabelecer o estema. Os vários lugares críticos foram reunidos em uma tabela extensa, com base na qual formulamos o estema e escolhemos o texto-base de cada sermão. Essas informações podem ser verificadas no item **Tradição direta**, mas quem o consultar verá que, na tabela de lugares críticos, apresentamos apenas uns poucos exemplos. Na constituição do estema, a maioria dos lugares críticos apontaram para uma mesma direção; por essa razão, organizamos uma segunda tabela, contendo apenas os lugares críticos mais significativos. Por vezes, porém, os dados (lugares críticos) não nos permitiram estabelecer com segurança a filiação de uma edição a outra; nesses casos, utilizamos outros recursos para indicar a filiação, como, por exemplo: cronologia da edições e conjecturas.

1.1.3.2 Reconstituição

Na recensão, o mais recuado que se pode chegar, no caso da obra de Antônio de Sá, é à edição príncipe de cada sermão – não há testemunhos manuscritos conhecidos. A rigor, as edições posteriores poderiam ser descartadas pela *eliminatio codicum descriptorum*, porque derivam de um modelo que ainda existe, a edição príncipe⁴⁵; contudo, confrontamos

posteriormente, digitalizamos, nós mesmos, esse material, com *scanner*. A cópia de um exemplar da segunda edição do *Sermão do Dia do Apóstolo São Tomé* (1686), que solicitamos ao Instituto de Estudos Brasileiros (IEB), foi feita, diretamente, em suporte digital (CD-ROM).

⁴² SANTOS, Gilson José dos. “*Sermão do Dia de Cinza*”, do padre Antônio de Sá: edição e estudo crítico. 2006. 155 f. Dissertação (Mestrado em Literatura Brasileira – Estudos Literários) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2006.

⁴³ A expressão “exemplar de colação” refere-se ao texto que – na *colação* – é tomado como base de colação dos testemunhos. Eventualmente, nos casos em que o confronto dos testemunhos indica que o exemplar de colação representa a melhor edição do texto, o editor o elege texto-base da nova edição. Nos demais casos, o exemplar de colação é substituído pelo melhor testemunho; isto é, o texto-base da nova edição, que, uma vez expurgado de suas impurezas, dará origem ao texto-crítico.

⁴⁴ A colação dos testemunhos facultou-nos identificar uma nova edição do *Sermão da Conceição da Virgem Maria* e um segundo estado do *Sermão do Dia de Cinza*. Essas informações estão no item **Tradição**, que antecede os textos críticos dos respectivos sermões.

⁴⁵ Em todos os casos de existência de edição posterior à príncipe e em vida do autor, a colação indicou que o texto não foi revisto pelo autor.

todas as edições e registramos as variantes substantivas, uma vez que conhecer as lições privilegiadas em épocas distintas é fato de inegável valor linguístico-cultural. Tendo em conta tais condições, o editor adotou por texto-base a edição príncipe de cada sermão; recorreu ao juízo crítico como meio de restituir ao texto a sua genuinidade; e, nos casos de lição de leitura impossível ou duvidosa, consultou os demais testemunhos.

Para o estabelecimento das normas (conservadoras) desta edição, foram revistos os critérios propostos em vários trabalhos de edição e, particularmente, nas obras *Introdução à Crítica Textual*, de César Nardelli Cambraia, *Introdução à Edótica*, de Segismundo Spina, *Elementos de Bibliologia*, de Antônio Houaiss, e *Fundamentos da Crítica Textual*, de Barbara Spaggiari e Maurizio Perugi. No texto-crítico, não se perdem características fonológicas, morfológicas, sintáticas e lexicais do texto-base. Apesar disso, algumas simplificações grafemáticas foram implementadas, como, por exemplo, desenvolvimento de sinal abreviativo (traço geral sobreposto à letra *q*, indicando supressão de *ue*, em *que* e *porque*) com base em formas plenas presentes nos testemunhos, transcrevendo, sem marca especial, os caracteres acrescentados em substituição ao sinal abreviativo.

1.2 Abreviaturas, siglas e símbolos.

As convenções e sinais especiais mais usados na tese foram listados em quadros.

QUADRO 2 – Sinais empregados na mancha do texto crítico e no aparato

SINAL	VALOR
[]	1. Representa inserção conjectural de caracter apagado ou de leitura duvidosa. 2. Antecede parágrafo, encerrando o número que lhe atribuiu o editor. 3. Indica a numeração da página do sermão acima da mancha de texto.
	Antecede segmento de reclamo, distinguindo-o das linhas regulares da mancha, nos casos em que ele não é reproduzido na página subsequente, como ocorre normalmente, ou em que há, nele, palavras ou trechos que não constam da mancha da mesma página.
∅	1. Representa vazio, zero ou nulo. 2. Representa lição do texto-base omitida em um testemunho.
$x \rightarrow y$	x origina y
$x \leftarrow y$	y origina x
\leftrightarrow	Representa equivalência.
§	Representa parágrafo.
C	Coluna
L	Linha
P	Página

QUADRO 3 – Bibliotecas e autoria/origem de notas

SINAL	VALOR
BNL	Biblioteca Nacional de Lisboa
BNRJ	Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro
IEB	Instituto de Estudos Brasileiros da USP

QUADRO 4 – Codificação dos testemunhos da tradição direta

SIGLA	SERMÃO	ANO
SDC	<i>Sermão do Dia de Cinza</i>	
SDC-A	SDC-A1 Estado 1 (da Edição Príncipe)	1669
	SDC-A2 Estado 2 (da Edição Príncipe)	1669
SDC-B	Segunda Edição	1673
SDC-C	Terceira Edição	1750
SDC-D	Quarta Edição	1924
SPS	<i>Sermão na Primeira Sexta-Feira da Quaresma</i>	
SPS-A	Edição príncipe	1674
SPS-B	Segunda edição	MDCLXL (1690?)
SPS-C	Terceira edição	1750
SQD	<i>Sermão da Quarta Domingo da Quaresma</i>	
SQD-A	Edição príncipe	1675
SQD-B	Segunda edição	1716
SQD-C	Terceira edição	1750
SP	<i>Sermão dos Passos</i>	
SP-A	Edição príncipe	1675
SP-B	Segunda edição	1689
SP-C	Terceira edição	1750
SP-D	Quarta edição	1924
SCM	<i>Sermão da Conceição da Virgem Maria Nossa Senhora</i>	
SCM-A	Edição príncipe	1675
SCM-B	Edição príncipe	1675
SCM-C	Terceira edição	1750
SCM-D	Quarta edição	1924
SNS	<i>Sermão de Nossa Senhora das Maravilhas</i>	
SNS-A	Edição príncipe	1732
SNS-B	Segunda edição	1744
SNS-C	Terceira edição	1750
SSJ	<i>Sermão do Glorioso São José Esposo da Mãe de Deus</i>	
SSJ-A	Edição príncipe	1675
SSJ-B	Segunda edição	1692
SSJ-C	Terceira edição	1750
SSJ-D	Quarta edição	1924
SST	<i>Sermão do Dia do Apóstolo São Tomé</i>	
SST-A	Edição príncipe	1674
SST-B	Segunda edição	1686
SST-C	Terceira edição	1750
SMA	<i>Sermão Pregado no Dia que Sua Majestade Faz Anos</i>	
SMA-A	Edição príncipe	1665
SMA-B	Segunda edição	1750
SPJ	<i>Sermão Pregado à Justiça na Santa Sé da Bahia</i>	
SPJ-A	Edição príncipe	1658
SPJ-B	Segunda edição	1672
SPJ-C	Terceira edição	1686
SPJ-D	Quarta edição	1750
SPJ-E	Quinta edição	1924
OF	<i>Oração Fúnebre nas Exéquias da Sereníssima Rainha de Portugal</i>	
OF-A	Edição príncipe	1735
OF-B	Segunda edição	1750
STQ-I	<i>Sermão das Tardes das Domingas da Quaresma I</i>	
STQ-I-A	Edição príncipe	1680
STQ-I-B	Segunda edição	1750
STQ-II	<i>Sermão das Tardes das Domingas da Quaresma II</i>	
STQ-II-A	Edição príncipe	1680
STQ-II-B	Segunda edição	1750

SIGLA	SERMÃO	ANO
STQ-III	<i>Sermão das Tardes das Domingas da Quaresma III</i>	
STQ-III-A	Edição príncipe	1680
STQ-III-B	Segunda edição	1750
STQ-IV	<i>Sermão das Tardes das Domingas da Quaresma IV</i>	
STQ-IV-A	Edição príncipe	1680
STQ-IV-B	Segunda edição	1750
STQ-V	<i>Sermão das Tardes das Domingas da Quaresma V</i>	
STQ-V-A	Edição príncipe	1680
STQ-V-B	Segunda edição	1750
SV	<i>Sermões Vários</i>	1750
AS	<i>Antônio de Sá</i> (Estante Clássica da Revista de Língua Portuguesa)	1924

1.3 Critérios

1.3.1 Tipo de edição

Há vários tipos de edição⁴⁶ que o crítico textual pode escolher, a fim de reproduzir um texto. A escolha de um tipo de edição depende, basicamente, de dois fatores: os objetivos da edição e o público-alvo imaginado pelo editor.

A importância de se estabelecer os objetivos de uma edição está no fato de que cada tipo de edição atende a finalidades específicas. Tipos diferentes de edição não atenderiam, provavelmente, aos mesmos objetivos. Por exemplo: se se pretende difundir um texto escrito na América Portuguesa entre leitores comuns, interessados, sobretudo, na sua mensagem, uma edição modernizada, em que o texto passa por intervenções que tornam a leitura acessível a leitores não-especializados poderia interessá-los; uma edição diplomática, porém, não lograria idêntico resultado, porque apresentaria particularidades linguísticas que tornariam a leitura difícil; eventualmente, impraticável.

Na edição integral da obra sermonística, em Português, do padre Antônio de Sá (Rio de Janeiro, 1627-1678), dois objetivos gerais nos guiaram. O primeiro foi preparar uma edição matriz que representasse o ponto de partida para novas edições, como, por exemplo, modernizada. O segundo foi disponibilizar, para leitores especializados, um *corpus* de relevante valor para estudos linguístico-literários. A esses dois objetivos outros mais específicos poderiam ser adicionados, como, por exemplo: contribuir para a revisão e para uma avaliação mais justa da Literatura Brasileira (particularmente, a do período colonial); contextualizar a obra sermonística do padre Antônio de Sá no panorama literário brasileiro; e, ainda, contribuir para o estudo da língua praticada na América Portuguesa (sobretudo, no século XVII).

⁴⁶ Cf. CAMBRAIA, 2005, p.90-107.

Para alcançar esses objetivos, o texto-base de cada sermão foi transcrito sob normas conservadoras, de tal modo que as características dos modelos fossem, tanto quanto possível, reproduzidas. O texto crítico, editado sob essas normas, dispensaria, em princípio, a presença do fac-símile; contudo, ele acompanha o texto crítico, a fim de permitir ao leitor interessado consultar, de modo rápido, o texto-base utilizado pelo editor e examinar particularidades do modelo que o texto crítico não poderia reproduzir. Acresce que a presença do fac-símile possibilita a correção de eventuais erros de transcrição ou de interpretação do editor, o que contribui, potencialmente, para o aperfeiçoamento de futuras edições.

O segundo fator a ser considerado, ao se escolher o tipo de edição, refere-se à definição do público-alvo. Esta edição destina-se a leitores interessados – em geral, especialistas – em Língua Portuguesa e/ou em Literatura Brasileira do século XVII.

Tendo em vista essas considerações, o tipo de edição mais adequado à reprodução dos textos é a edição crítica.

1.3.2 Texto-base e variantes

No **Quadro 5**, apresenta-se o texto-base de cada sermão, na ordem em que foram editados. Essa ordem mantém a disposição em que os textos foram organizados na obra *Sermões Vários* (1750), em que se reuniram, pela primeira vez, todos os sermões de Antônio de Sá:

QUADRO 5 – Texto-base dos sermões

ORDEM	SIGLA	SERMÃO	ANO	EDIÇÃO
1	SDC-A1	<i>Sermão do Dia de Cinza</i>	1669	Príncipe
2	SPS-A	<i>Sermão na Primeira Sexta-Feira da Quaresma</i>	1674	Príncipe
3	SQD-A	<i>Sermão da Quarta Dominga da Quaresma</i>	1675	Príncipe
4	SP-A	<i>Sermão dos Passos</i>	1675	Príncipe
5	SCM-A	<i>Sermão da Conceição da Virgem Maria Nossa Senhora</i>	1675	Príncipe
6	SNS-A	<i>Sermão de Nossa Senhora das Maravilhas</i>	1732	Príncipe
7	SSJ-A	<i>Sermão do Glorioso São José Esposo da Mãe de Deus</i>	1675	Príncipe
8	SST-A	<i>Sermão do Dia do Apóstolo São Tomé</i>	1674	Príncipe
9	SMA-A	<i>Sermão Pregado no Dia que Sua Majestade Faz Anos em 21 de Agosto de 663.</i>	1665	Príncipe
10	SPJ-A	<i>Sermão Pregado à Justiça na Santa Sé da Bahia na Primeira Oitava do Espírito Santo</i>	1658	Príncipe
11	OF-A	<i>Oração Fúnebre nas Exéquias da Sereníssima Rainha de Portugal, D. Luíza Francisca de Gusmão.</i>	1735	Príncipe
12	STQ-I-A	<i>Sermão das Tardes das Domingas da Quaresma I</i>	1680	Príncipe
13	STQ-II-A	<i>Sermão das Tardes das Domingas da Quaresma II</i>	1680	Príncipe
14	STQ-III-A	<i>Sermão das Tardes das Domingas da Quaresma III</i>	1680	Príncipe
15	STQ-IV-A	<i>Sermão das Tardes das Domingas da Quaresma IV</i>	1680	Príncipe
16	STQ-V-A	<i>Sermão das Tardes das Domingas da Quaresma V</i>	1680	Príncipe

As variantes substantivas de todos os testemunhos⁴⁷ colacionados foram anotadas. As variantes meramente gráficas não foram registradas, porque listá-las tornaria o aparato excessivamente extenso e, possivelmente, pouco funcional.

1.3.3 Codificação dos Sermões

Cada sermão foi representado por uma sigla geral, elaborada a partir de letras iniciais das palavras mais significativas de seu título. As edições de um mesmo sermão foram especificadas por sua sigla geral acrescida de uma letra maiúscula do alfabeto romano, iniciando-se pela letra “A”, que designa a edição príncipe. Os estados de uma mesma edição foram indicados por algarismos arábicos, iniciando-se pelo número “1”. Por exemplo, a edição príncipe do *Sermão do Dia de Cinza* apresenta dois estados, que foram assim representados: “SDC-A1”, estado 1 da edição príncipe, e “SDC-A2”, estado 2 da edição príncipe. Eis, no **Quadro 6**, as siglas adotadas:

QUADRO 6 – Codificação dos sermões

SIGLA	SERMÃO	ANO
SDC	<i>Sermão do Dia de Cinza</i>	
SDC-A	SDC-A1 Edição Príncipe – Estado 1	1669
	SDC-A2 Edição Príncipe – Estado 2	1669
SDC-B	Segunda Edição	1673
SDC-C	Terceira Edição	1750
SDC-D	Quarta Edição	1924
SPS	<i>Sermão na Primeira Sexta-Feira da Quaresma</i>	
SPS-A	Edição príncipe	1674
SPS-B	Segunda edição	M.DC.LXL
SPS-C	Terceira edição	1750
SQD	<i>Sermão da Quarta Domingo da Quaresma</i>	
SQD-A	Edição príncipe	1675
SQD-B	Segunda edição	1716
SQD-C	Terceira edição	1750
SP	<i>Sermão dos Passos</i>	
SP-A	Edição príncipe	1675
SP-B	Segunda edição	1689
SP-C	Terceira edição	1750
SP-D	Quarta edição	1924
SCM	<i>Sermão da Conceição da Virgem Maria Nossa Senhora</i>	
SCM-A	Edição príncipe	1675
SCM-B	Edição príncipe	1675
SCM-C	Terceira edição	1750
SCM-D	Quarta edição	1924
SNS	<i>Sermão de Nossa Senhora das Maravilhas</i>	
SNS-A	Edição príncipe	1732
SNS-B	Segunda edição	1744
SNS-C	Terceira edição	1750

⁴⁷ A tradição direta dos sermões aqui editados – o conjunto de sermões, em Língua Portuguesa, de Antônio de Sá – apresenta um total de quarenta e oito testemunhos: dezesseis testemunhos forneceram os textos-base; e, trinta e dois, variantes textuais para o aparato.

SIGLA	SERMÃO	ANO
SSJ	<i>Sermão do Glorioso São José Esposo da Mãe de Deus</i>	
SSJ-A	Edição príncipe	1675
SSJ-B	Segunda edição	1692
SSJ-C	Terceira edição	1750
SSJ-D	Quarta edição	1924
SST	<i>Sermão do Dia do Apóstolo São Tomé</i>	
SST-A	Edição príncipe	1674
SST-B	Segunda edição	1686
SST-C	Terceira edição	1750
SMA	<i>Sermão Pregado no Dia que Sua Majestade Faz Anos em 21 de Agosto de 663</i>	
SMA-A	Edição príncipe	1665
SMA-B	Segunda edição	1750
SPJ	<i>Sermão Pregado à Justiça na Santa Sé da Bahia</i>	
SPJ-A	Edição príncipe	1658
SPJ-B	Segunda edição	1672
SPJ-C	Terceira edição	1686
SPJ-D	Quarta edição	1750
SPJ-E	Quinta edição	1924
OF	<i>Oração Fúnebre nas Exéquias da Sereníssima Rainha de Portugal, D. Francisca Luiza de Gusmão</i>	
OF-A	Edição príncipe	1735
OF-B	Segunda edição	1750
STQ-I	<i>Sermão das Tardes das Domingas da Quaresma I</i>	
STQ-I-A	Edição príncipe	1680
STQ-I-B	Segunda edição	1750
STQ-II	<i>Sermão das Tardes das Domingas da Quaresma II</i>	
STQ-II-A	Edição príncipe	1680
STQ-II-B	Segunda edição	1750
STQ-III	<i>Sermão das Tardes das Domingas da Quaresma III</i>	
STQ-III-A	Edição príncipe	1680
STQ-III-B	Segunda edição	1750
STQ-IV	<i>Sermão das Tardes das Domingas da Quaresma IV</i>	
STQ-IV-A	Edição príncipe	1680
STQ-IV-B	Segunda edição	1750
STQ-V	<i>Sermão das Tardes das Domingas da Quaresma V</i>	
STQ-V-A	Edição príncipe	1680
STQ-V-B	Segunda edição	1750
SV	<i>Sermões Vários</i>	1750
AS	<i>Antônio de Sá</i> (Estante Clássica da Revista de Língua Portuguesa)	1924

1.3.4 Transcrição

Na transcrição dos textos-base, adotaram-se as seguintes normas:

1.3.4.1 Caracteres alfabéticos

- a) Transcrição, em caracteres romanos redondos, das passagens em Língua Portuguesa; e, em caracteres itálicos, dos trechos em Língua Latina.
- b) Uniformização da representação gráfica de *s*, segundo sua forma atual.
- c) Atualização da representação gráfica da letra *ç* e das conjunções *et* (em Latim) e *e* (em Português).

1.3.4.2 Sinais abreviativos

Desenvolvimento de sinal abreviativo (traço geral sobreposto à letra *q*, indicando supressão de *ue*, em *que* e *porque*), com base em formas plenas presentes nos testemunhos, transcrevendo-se, sem marca especial, os caracteres acrescentados em substituição ao sinal abreviativo.

Exceção: As formas plenas “São” e “Santo”, representadas pelo sinal abreviativo “S.”, oscilam diante de um mesmo nome; por isso, e porque é ainda usado, esse sinal abreviativo foi preservado.

1.3.4.3 Diacríticos

Manutenção das formas de sinais diacríticos. Nas formas em que a nasalização foi duplamente marcada, por meio de til (~) e de letra (*m* ou *n*), o til foi suprimido.

Exceções: 1. Formas em que, atualmente, a nasalização de vogal simples é indicada pela letra *m* ou *n*, e que tiveram essas letras representadas por til, foram desenvolvidas, acrescentado-se, convenientemente, a letra *m* ou *n*, e suprimindo-se o til, sem indicação especial no texto crítico. Por exemplo: “tãbê” > “tambem”. 2. As formas “hũa”, “algũa”, “nenhũa” e “lũa” foram preservadas, por representar fato gráfico que envolve fato de língua.

1.3.5 Emendas

1.3.5.1 Caracteres e palavras apagadas ou de leitura duvidosa: inserção conjectural de caracteres, indicada, no texto crítico, por colchetes [].

Observação. O texto-base adotado na edição do *Sermão do Apóstolo São Tomé* apresenta colchetes simples [] onde hoje se usam parênteses simples (). Nesse caso, indicamos no aparato essas ocorrências.

1.3.5.2 Lacuna deixada por lição apagada: inserção de lição, sem sinalização especial, no texto crítico. No aparato, declara-se a origem da lição inserida.

1.3.5.3 Lição errada: correção, sem sinalização especial, no texto crítico. No aparato, registra-se a lição errada como variante e declara-se a origem da lição substituinte. Essa lição é a lição julgada genuína da edição mais antiga, em relação às demais edições de um mesmo texto.

1.3.5.4 Caracteres ou palavras incorretamente repetidos: supressão de itens repetidos, sem sinalização especial no texto crítico. No aparato, declara-se a lição suprimida como variante.

1.3.5.5 Erros óbvios: correção, sem sinalização especial, no texto crítico.

1.3.5.6 Eventuais intervenções no texto crítico exigidas pelo contexto e não contempladas nos itens 1.3.5.1 a 1.3.5.4 foram registradas e justificadas no aparato.

1.3.6 Caracteres e palavras nas margens

Transcrição, no ponto pertinente da página, na sua margem direita.

1.3.7 Separação e união vocabular

Indicação, no aparato, das raras intervenções feitas em fronteiras de palavras.

1.3.8 Citações e referências bíblicas

Transcrição, no aparato, entre colchetes simples [], em itálico, dos versículos que, na *Biblia Sacra: Iuxta Vulgatam Clementinam* (2005), contêm o trecho citado em Língua Latina; as palavras correspondentes, exatamente, às palavras da citação latina nos textos-base foram indicadas em negrito. Em seguida, transcrição, entre colchetes simples [], em caracteres redondos, dos versículos que, na *Bíblia Sagrada* (2007), correspondem aos versículos da *Biblia Sacra: Iuxta Vulgatam Clementinam* (2005); as palavras correspondentes à “tradução” da passagem latina dos textos-base foram indicadas em negrito. As demais citações latinas foram traduzidas e, quando possível, a fonte textual foi indicada. Em todos os casos, indica-se o autor da tradução.

1.3.9 Transpaginação

A transpaginação do original foi respeitada, observando-se as seguintes normas:

- a) o fac-símile do texto-base antecede, página a página, o texto crítico;
- b) o texto-base de cada sermão e os demais testemunhos de sua tradição direta foram paginados. A nova paginação, indicada, entre colchetes, na margem superior do texto, foi iniciada na folha de rosto, a que se atribuiu o número 1. As referências que se fazem ao texto-base e aos testemunhos baseiam-se nessa paginação independente⁴⁸;
- c) os espaços em branco entre segmentos de textos foram uniformizados e representados por 1 (um) espaço simples;

⁴⁸ “Paginação independente”: refere-se à paginação de obra em mais de um volume, quando recomeça em cada um deles. (Cf. PORTA, 1958, p.300. Verbete: *paginação independente*.)

- d) páginas que apresentam textos distribuídos em duas colunas foram transcritas sem indicação de mudança de coluna; e
- e) reclamo, título abreviado do sermão e assinatura do caderno não foram transcritos.

Exceção. O reclamo, quando contém elemento textual que não consta da mancha na página em que se encontra ou da página subsequente, como deve ser, teve esse segmento textual transcrito como uma linha adicional dessa página. Nesse caso, para distinguir o segmento do reclamo das linhas regulares da mancha, tal segmento foi precedido por barra vertical simples “[]”.

- f) A paragrafação foi, no geral, respeitada. Os raros desdobramentos de parágrafos foram justificados no aparato. Os parágrafos foram numerados e a numeração foi colocada, entre colchetes simples “[]”, no início da linha em que cada parágrafo começa.

1.3.10 Aparato crítico

O aparato crítico, composto e de tipo negativo, apresenta três partes, separadas entre si por linha simples: variantes, fontes bibliográficas e notas explicativas.

1.3.10.1 Variantes

As variantes substantivas foram anotadas sob as mesmas regras adotadas para a transcrição do texto crítico. A chamada, no texto, foi feita por um número que remete ao aparato. O lema foi seguido de meio colchete fechado. Após o meio colchete, seguem-se a sigla, em negrito, que identifica a origem da variante que se lhe segue, e dois-pontos verticais, em negrito, que separam a sigla de sua variante. Uma vírgula, em negrito, separa a variante da sigla seguinte, que identifica outro testemunho. A lição do modelo, quando omitida em um exemplar das edições colacionadas, é representada pelo símbolo indicador de vazio: “∅”. Lemas e variantes foram impressos em redondo (se palavras em Língua Portuguesa) e em itálico (se palavras em Língua Latina).

1.3.10.2 Fontes bibliográficas

Transcrição, no aparato, entre colchetes simples [], em itálico, dos versículos que, na *Biblia Sacra: Iuxta Vulgatam Clementinam* (2005), contêm o trecho citado em Língua Latina; as palavras correspondentes, exatamente, às palavras da citação latina no texto-base foram indicadas em negrito. Em seguida, transcrição, entre colchetes simples [], em caracteres

redondos, dos versículos que, na *Bíblia Sagrada* (2007), correspondem aos versículos da *Bíblia Sacra: Iuxta Vulgatam Clementinam* (2005); as palavras correspondentes à “tradução” da passagem latina do texto-base foram indicadas em negrito. As demais citações latinas foram traduzidas e, quando possível, a fonte textual foi indicada. Em todos os casos, indica-se o autor da tradução.

1.3.10.3 Notas

As notas explicativas apresentam comentários e esclarecimentos diversos; em geral, referentes a aspectos linguísticos ou literários do texto. As notas preparadas por João Luís de Campos para o volume XII da *Estante Clássica da Revista de Língua Portuguesa* (1924) foram incorporadas ao aparato desta edição com a indicação abreviada de autoria “J.L.C.”. As notas preparadas por José Américo Miranda de Barros foram indicadas por “J.A.M.B”. Outras notas que, eventualmente, não foram preparadas pelo editor, foram atribuídas aos seus respectivos autores.